

GREENING, Thomas C. (Org.)

PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA

Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975, 259 págs.

Nove conferências, apresentadas ao público na Universidade da Califórnia, em 1969, compõem o livro. O objetivo era oferecer, a um grupo heterogêneo, o contacto com novas tendências da psicologia americana.

Psicologia Existencial-Humanista reúne contribuições de psicólogos, filósofos, um advogado, um professor de literatura e um físico: Charlotte Bühler, doutora em filosofia e psicóloga; Floyd Watson, mestre e doutor em filosofia e psicólogo; James Bugental, doutor em psicologia e um dos fundadores da Associação de Psicologia Humanista; Willis Harman, físico e diretor do Centro de Pesquisas de Política Educacional da Universidade Stanford; Thomas Greening, psicólogo; Pe. William Richardson, doutor em filosofia, teólogo, membro da Associação de Psiquiatria e Psicologia Existencial dos E.U.A.; Henry Peyre, doutor em Letras e diretor do Departamento de Línguas Românicas da Universidade de Yale; Christophen Stone, advogado e professor de Direito na Universidade do Sul da Califórnia; Raghavan Iyer, doutor em filosofia, política e economia, professor de filosofia da Universidade da Califórnia. Desta forma, o livro expõe as contribuições da filosofia existencial em vários campos do saber. Enfatiza-se, entretanto, a relação destas ciências com a psicologia.

A linguagem, direta e simples, e a riquíssima abordagem levada a efeito pelos autores transformam a leitura das conferências numa descoberta emociante de relações, apenas sugeridas pelos autores. A diversidade de formação dos conferencistas, em vez de provocar uma justaposição desinteressante de teses pessoais, possibilitou, ao contrário, um enriquecimento imenso da totalidade das conferências. O grupo formou um todo homogêneo e seu encontro desencadeou um trabalho que mantém, no conjunto, todos os matizes das contribuições pessoais, acrescido da ampliação e aprofundamento das perspectivas individuais, pelo desenrolar das conferências segundo uma unidade harmoniosa de sua problemática.

A introdução define a psicologia existencial-humanista como uma fusão dos princípios filosóficos do existencialismo e do humanismo:

“O humanismo existencial inclui o reconhecimento do caos, absurdo, contingência, desespero e desamparo do ser humano num mundo em que só ele é responsável pelo seu devir, como quer o existencialismo. Também

inclui o postulado humanista de que o homem dispõe de um gigantesco potencial para transformar-se e de um irreprimível impulso para experimentar sua plena realização, ao testar os limites desse potencial contra os obstáculos inerentes na existência" (págs. 23 – 24).

Esta orientação caracteriza todo o grupo de conferencistas, vários dos quais foram co-fundadores da Associação de Psicologia Humanista, em 1962, cujo objetivo era encontrar e difundir uma nova abordagem da psicologia, inspirada nos pressupostos citados acima.

Os dois primeiros capítulos, "Psicologia-Existencial e Humanista: Respostas a Desafios" e "Teoria Humanista: a Terceira Revolução em Psicologia", apresentam a problemática e a gênese histórica dessa nova corrente psicológica. Reação contra o behaviorismo, que amplia e aprofunda o conceito de **homem** subjacente àquela teoria, a psicologia existencial-humanista emergiu na América dilacerada por guerras e conflitos raciais. O surgimento de um novo modo de estar no mundo, ao qual as antigas respostas não podem satisfazer, provocaram o interesse dos psicólogos americanos pelo existencialismo e o humanismo.

Os capítulos seguintes mostram a aplicação dessa corrente psicológica a casos clínicos, a grupos de encontro, à educação. O capítulo: "O Eu: Processo ou Ilusão?" expõe magistralmente um caso clínico em que o sentido da existência é gradualmente recuperado pelo paciente que, quando procurou o psicólogo James Bugental, "... no primeiro dia, estava despedaçado entre o medo e a esperança de estar louco. Temia a loucura (...) E alimentava a esperança de estar louco porque, nesse caso, a sanidade mental poderia ser recuperada e, com ela, uma resposta à terrível interrogação que pairava à sua volta (...) A psicoterapia ajudou Lawrence a enfrentar essa interrogação tão profundamente quanto possível e a encarar a realidade existencial de que nenhuma consoladora resposta final pode ser dada com palavras explícitas. Mas a psicoterapia também ajudou Lawrence a ver que a resposta à pergunta "Quem sou eu?" só é dada em termos de uma vida vivida" (pág. 88). O capítulo "Grupos de Encontro, da Perspectiva do Humanismo Existencial", apresenta os objetivos, os riscos e as críticas feitas aos grupos de encontro, bem como sua contribuição e vantagens no tratamento psicoterápico. Uma crítica à educação contemporânea e a discussão do sentido existencial da educação ocorrem no capítulo "O Futuro da Perspectiva Existencial-Humanista em Educação".

Destacamos a original contribuição do Pe. William Richardson, "Humanismo e Psicologia Existencial". Consiste numa análise do sentido da

existência a partir da filosofia de Heidegger, tentando responder a três indagações:

“1ª Como distingue Heidegger a sua própria filosofia da existência do “humanismo”, tal como o termo é empregado no sentido geral descrito pela Dra. Bühler ?

2ª Como a sua Filosofia da Existência encontrou uma Psicologia e Psicoterapia adequadas a um mundo esquizóide ?

3ª Qual é o papel do amor numa Psicologia fundamentada em tal Filosofia ? ” (pág. 171).

Discutindo os problemas da angústia e da liberdade, e acrescida da possibilidade de incluir nos seus pressupostos uma crítica ampliadora às contribuições de Freud e um enriquecimento da Psicologia Humanista — a obra de Heidegger apareceu como meditação que pode oferecer bases filosóficas para os dados fornecidos pela experiência clínica da Psicanálise.

“Humanismo Existencial: Reflexos na Literatura”, exhibe as relações possíveis entre as abordagens literárias da existência em Sartre, Malraux, Camus e outros, e a Psicologia. A análise da existência, da liberdade e suas implicações éticas e políticas, também estão presentes. Que estas relações podem ser fecundas no campo próprio da psicologia, o atesta o psicólogo e organizador das conferências e deste livro, Thomas Greening:

“Com o desenvolvimento da Psicologia Existencial e Humanista, ocorreu uma reaproximação muito mais acentuada entre a Psicologia e a Literatura” (pág. 185).

As relações entre o Direito e o humanismo existencial são discutidas no capítulo “Humanismo Existencial e Direito”.

O capítulo nove, que fecha o livro, tem como tema: “O Homem Auto-Realizador na Sociedade Contemporânea”. Indiano, professor na Universidade da Califórnia, conhecedor do pensamento oriental e ocidental, seu autor, Raghavan Iyer, procura evidenciar que a abordagem da psicologia existencial-humanista se aproxima de temas da filosofia indiana, no que diz respeito à busca de auto-realização e autoconhecimento, por parte do homem:

“É na esperança de que o modelo de um homem auto-realizador não se converta em mais outra moda passageira que procurei colocá-lo na perspectiva mais ampla de uma venerável tradição que ainda temos de descobrir” (pág. 256).

Que tradição é esta ? É aquela em que Filosofia e Psicologia estão inter-relacionados, porque:

“Nas antigas tradições orientais e pitagóricas, a busca de sabedoria e a de autognose constituíam, meramente, dois aspectos de uma só exploração” (pág. 242).

A pergunta: que é o homem ? inquieta igualmente filósofos e psicólogos. Somente de uma renovada busca, que combine as contribuições de ambas as ciências, pode surgir uma resposta, provisória e marcada pela incompletude, mas ainda assim, suficientemente universal para ultrapassar o conflito atual dos humanismos e oferecer orientação segura aos homens de hoje.

A filosofia existencial, que retoma a grande questão em termos contemporâneos, talvez possa indicar um caminho.

Constança Marcondes Cesar